

A participação feminista através da mídia impressa alternativa – Estudo de caso do fanzine Luz de Dandara¹

Ingrid Luize Oliveira de Azevedo²

Lígia de Oliveira Sales³

Centro Universitário do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

O trajeto realizado por mulheres no século XIX marca um momento possível para que duas imprensas sejam desenvolvidas dentro da tradicional. A imprensa feminina e feminista no Brasil tem suas particularidades, porém, ambas tem em sua essência a busca pela representatividade da mulher em todas as esferas sociais. Detalharemos a feminista, que busca um papel representacional democrático e plural, que converge entre o ciberespaço e as mídias alternativas. A partir deste perfil visto dentro do estudo de caso, temos por objetivo analisar o primeiro fanzine desenvolvido por um coletivo feminista interseccional.

Palavras-chave: Imprensa Feminina. Feminismo. Ciberativismo. Fanzines. Luz de Dandara.

Introdução

Ao longo do tempo, a mídia impressa se readequou às novas tecnologias, caminhando lado a lado ao novo tempo. Com o advento dos novos meios de comunicação, voltados para colaboração e disseminação rápida da informação e a internet 3.0 (KOTLER, 2010), fica evidente que a mídia alternativa em seu papel singular não foi deixada de lado e continua com seu poder comunicacional.

Como a mídia impressa feita por mulheres e para mulheres é vista? Moda, beleza e comportamento parecem estar na classificação. A postura feminina nos periódicos vai muito além do que o batom da moda ou a forma com que devemos nos portar à mesa ou na cama impõe. A mídia impressa feita por mulheres foi o suporte direto para reivindicar medidas igualitárias, posicionando-se na sociedade e mostrando uma informação marcada pela união. Logo, compreender o papel da mulher e sua

¹ Trabalho de jornalismo apresentado no Intercom Júnior – XIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Aluna do curso de jornalismo, e-mail: ingazevedo@gmail.com

³ Orientadora. Mestra em Comunicação e Semiótica, pela PUC-SP. E-mail: ligia.sales@gmail.com

história de submissão, presentes há bastante tempo na sociedade é de suma importância, nos direcionando até o contexto atual. No que concerne essa discussão, observamos uma inquietação de cunho cibernético, similar a atuações feministas do século XIX, que buscavam a entrada da mulher no cenário político, com o passar vimos apenas a modificação do objeto de luta.

No primeiro momento é possível ver a mulher do Brasil colônia que luta por sua emancipação e direito à liberdade de expressão, logo em seguida temos a mulher do século XX, que não se adequa ao espaço imposto pela sociedade e busca novos meios através da mídia alternativa, e hoje temos o advento das novas mídias convergindo com os meios de comunicação e a participação ativa do Ciberfeminismo.

Com o estudo de caso apresentado neste artigo, o fanzine de número 0 – do Coletivo cearense Luz de Dandara que impulsiona a fala feminina. O fanzine analisado busca retratar lutas atuais, dentro do contexto social. Na tentativa de alcançar um público diversificado no circuito *underground*, não apenas na capital onde se localiza, mas também na cibercultura como um todo. Ficando evidente a importância da convergência midiática que atua tanto de forma presencial, quanto pelas redes sociais, aproximando-se de um maior público de interesse.

O presente artigo busca compreender através da análise de conteúdo a importância da reapropriação da mídia alternativa através do fanzine contemporâneo na cultura de participação, fazendo com que as leitoras após consumir o conteúdo, queiram buscar outras plataformas dentro da cibercultura.

A mulher na imprensa: Brasil colônia

O jornalismo chegou ao Brasil junto à família real, no século XIX. Tardamente, pois nessa mesma época os europeus já desfrutavam dos benefícios que os periódicos cediam. Deste fato, é necessário destacar que em nosso país o jornalismo se tornou lícito com a finalidade de informar e promover a corte real portuguesa, que mesmo tratando com uma população pouco letrada, estimulou para promoção do hábito da leitura, no intuito de ajustar a opinião pública ao seu modo.

Pinsky (2013), destaca a diferença de gênero a partir dos estereótipos criados: “a masculinidade era associada à força, racionalidade e coragem, enquanto eram “características femininas” o instinto maternal, a fragilidade e a dependência”. O papel único das mulheres era casar, procriar, cuidar dos afazeres domésticos e seguir

valores monoteístas. Diferentemente do homem, que em seu protagonismo já cuidava de coisas externas, trabalhava em diferentes áreas e já gozava do conhecimento em variados nichos.

A essa oposição de gênero, deu-se o nome de patriarcado, que está atrelado à própria história do Brasil Colônia, uma vez que já estava inserido no contexto social. Se pensado, homens e mulheres nunca foram iguais, visto que sempre existiu a posição de superioridade por parte masculina. Em entrevista⁴ cedida ao programa *Entre o Céu e a Terra*, no canal TV BRASIL, veiculado em 16 de dezembro de 2014, a filósofa Márcia Tiburi atribui o patriarcado ao “sistema da dominação masculina, que é um sistema tanto político, quanto econômico, quanto simbólico, quanto prático, quanto cotidiano, e que atinge a todos”.

O sufrágio⁵, mesmo que menos acentuado no Brasil, foi essencial nessa etapa para formar estratégias de políticas públicas voltadas para as mulheres. Foi crucial para a extensão da mulher, que sai do seu papel singularizado em busca de ideais e reparação de sua história. De acordo com Zahidé (2003, p. 226):

[...] Uma das razões para a criação dos periódicos de mulheres no século XIX partiu da necessidade de conquistarem direitos. Em primeiro lugar, o direito à educação; em segundo, o direito à profissão e, bem mais tarde, o direito ao voto.

O primeiro periódico feminino surgiu após duas décadas do jornal desenvolvido por Frei Tibúrcio José da Rocha, para a corte real. Intitulado “O Espelho Diamantino” (1827-1828) teve sua produção no Rio de Janeiro e elaboração por Pierre Plancher⁶, que embora do sexo masculino, teve postura contrária ao patriarcado. Seu subtítulo “Dedicado às Senhoras Brasileiras”, conduzindo de forma lúcida os questionamentos levantados pelas mulheres, com a proposta de esclarecer e inspirar a mente das jovens na época.

Constância (2016, p. 39) aponta a dificuldade de alcançar o público, pois eram poucas as brasileiras alfabetizadas.” O surgimento da promulgação da Lei de Instrução Pública, formalizando a abertura de escolas primárias ocorreu apenas em

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xgnj6wv3tffE&t=741s>> Acesso em: 12 abr. 2017.

⁵ Movimento social, político e econômico de reforma, com o objetivo de estender o direito de votar às mulheres.

⁶ Editor e jornalista francês, atuou no mercado brasileiro na época do Primeiro Reinado.

outubro de 1827”, fazendo com que os escritos se propagassem em um grupo distinto, realidade essa que mudaria em pouco tempo.

Nesse mesmo período, aparecem nomes importantes para a história, com o posicionamento contra o patriarcado de forma bastante atuante, tais como: Ana Aurora do Amaral Lisboa, Maria Firmino dos Reis, Corina Coaracy e Josefina Álvares de Cabral, que impulsionou o periódico *A família*, divulgado em São Paulo, e mais tarde transferiu-se para o Rio de Janeiro. Em seus artigos que abordavam questões reivindicatórias, defendidas pela mesma, cobrava medidas igualitárias preanunciadas pela República.

Muitas mulheres, por medo do conservadorismo social existente, carregaram pseudônimos masculinos, pois usar seus nomes verdadeiros tiravam a credibilidade e a relevância dos escritos, uma vez que a profissão destinada à mulher limitava-se à professora, no caso das mais instruídas.

Periódicos, folhetins e jornais diários representavam a era de ascensão que estava apenas se iniciando. Para Constância (2016, p. 14):

Quando as primeiras mulheres tiveram acesso ao letramento, imediatamente se apoderaram da leitura, que por sua vez as levou à escrita e à crítica. [...] Mais do que os livros, foram os jornais e as revistas os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina, que desde o início se configuraram em espaços de aglutinação, divulgação e resistência.

Quando falamos em números de periódicos no século XIX, há que se destacar, que na busca por referências, fica evidente a dificuldades de autores para reunir periódicos da época, uma vez que, como mencionado acima, muitas mulheres utilizavam pseudônimos. Constância (2016, p. 18) destaca também a possibilidade de existir mais títulos neste período, que pode ter se perdido com a má conservação do tempo. Ainda segundo a autora “o volume de informações aqui reunido pode surpreender. No total, são 143 títulos de revistas e jornais femininos e feministas, que circularam no país ao longo do século XIX”.

Outro ponto interessante é que mesmo com as insuficiências da época, Constância (2016) aponta a não centralização do conteúdo, que alcançou diversas esferas sociais, em regiões diferentes. Marco visível tanto nas capitais quanto em áreas mais afastadas dos estados. Nesse sentido, claro que a circulação desses periódicos era

variada, uma vez que se tornava mais evidente em algumas localidades por conta da posição política, econômica e social.

Século XX e a emancipação de valores

Se o século XIX ficou marcado pela busca da emancipação feminina, o XX mostra a procura da mulher para adequar esse espaço impresso ao seu modo. Nesse momento surge a diferença de duas imprensas direcionadas para mulheres, a feminista, que se posicionava contra o patriarcado e buscava direitos básicos do ser humano, como mencionado acima, educação, direito ao voto, ao divórcio, dentre outros; e a imprensa feminina, que se aproximava do padrão que conhecemos hoje.

Dentre os conteúdos da segunda imprensa, moda e o comportamento das mulheres, já se faziam presentes, como a própria Dulcília (2009, p.12) menciona, onde afirma que a “Imprensa feminina e moda sempre se alinhavaram mutuamente. [...] as publicações femininas brasileiras traziam elementos da moda, auxiliando no processo de democratização do gosto [...]”.

Em seu artigo, Muzart (2003, p. 231) traz o mesmo ponto abordado por Dulcília (2009), analisando periódicos da época: “Era um semanário do jornal *Época*, de orientação católica. Trazia receitas de cozinha, cartas das leitoras, poemas, charadas, peças de teatro e crônicas. [...]”.

Podemos ver como essa seção está inserida na Retórica apontada por Aristóteles, que traz uma importante análise sobre o discurso. Dividindo-se no *ethos*, *logos* e *pathos*, que por sua vez apela para as emoções, na pretensão de seduzir o receptor da informação. É visível essa aproximação de jornais e revistas do século XX com a leitora, uma vez que deixa de ser “você” para ser “nós”, no intuito de influenciar na sua epistemologia filosófica. Sendo essencial, compreender a diferença entre as duas imprensas voltadas para a mulher.

Quando a imprensa feminina é citada, vemos uma busca por aproximação baseada em uma democratização do gostar, querer e ter. Os periódicos visam salientar a leitora para coisas intituladas no jornalismo, como pautas frias, uma vez que não estão sendo abordadas na agenda da mídia tradicional. Dulcília (2009, p. 191) cita esse direcionamento à:

Vós, tu, você: o texto na imprensa feminina sempre vai procurar dirigir-se à leitora, como se estivesse conversando com ela, servindo-se de uma intimidade amiga. Esse jeito coloquial, que elimina a distância que faz as ideias parecerem simples, cotidianas, frutos do bom senso, ajuda a passar conceitos, cristalizar opiniões, tudo de modo tão natural que praticamente não há defesa.

A autora comenta que praticamente não há defesa, refere-se diretamente a “armadilha linguística”, uma vez que se torna tão envolvente a forma com que o texto é abordado, ao ponto de seduzir a leitora para o conteúdo, que muitas vezes está ligado de forma oculta a campanhas publicitárias. Dulcília também utiliza a função conativa para definir a abordagem feita pela imprensa feminina.

[...] elegeu a função conativa como sua preferida- o que também foi feito pela publicidade - e resistir, quem há de? Como dissemos, se a função conativa não está explícita, percorrer implicitamente os textos da imprensa feminina [...].

De Laurentis (1987, p. 207), no artigo Tecnologia de Gênero, aponta essa superficialidade no termo “gendrado”, que está diretamente ligado à análise comportamental dos produtos passados para o consumidor da informação.

[...] Espaços "gendrados", ou seja, marcados por especificidades de gênero, como "quarto de mulheres", os grupos de conscientização, os núcleos de mulheres dentro das disciplinas, os estudos sobre a mulher, as organizações coletivas de periódicos ou de mídia feministas, outros [...].

Para a autora, o conteúdo exposto para mulheres está imerso em um cenário político-social e cultural, fazendo com que não possamos diferenciar especificidades de gêneros marcadas por agentes de sua própria existência.

Perceber como a mídia dialoga com seu público e o quanto as percepções deste público está atrelado à persuasão e *status quo*, é essencial para que essa compreensão da evolução ainda esteja conectada a valores estereotipados, ou seja, a mulher continua dentro do seu papel, mudando apenas a forma como é retratada dentro do âmbito sociocultural no decorrer das décadas.

Em paralelo, encontramos uma imprensa não tão homogeneizada quanto a imprensa feminina, mas com um papel contínuo e questionador de atentar-se ao sistema

governamental e a assuntos pautados em gêneros e discussões sociais atuais, aflorando cada vez mais mulheres para buscar equidade em todas as esferas político-sociais.

Os diálogos distantes do eurocentrismo, uma vez que muito do que é citado dentro do que é pautado na mídia impressa, vem através do que países europeus consomem e da universalização do gosto, sem recorte territorial ou de classe econômica, raça ou etnia.

Uma imprensa considerada como jornalismo de alternativa⁷, não possui uma linha editorial formada e classificatória, uma vez que se utiliza de uma comunicação alternativa e complementar em circuitos sociais. Nesse sentido, o século XX fica marcado pela busca da imprensa feminista sem acesso à mídia massiva, atuante de forma não hegemônica, mas com uma presença marcante em veículos da folkcomunicação, como os fanzines.

Mídias alternativas e os novos meios

De acordo com Magalhães (1993), fanzine é uma revista alternativa, realizada de forma independente que visa abordar assuntos segmentados. A palavra deriva da junção das palavras “fanatic” e “magazine”, sendo desenvolvido por Russ Chauvent em 1941, com a finalidade de entreter fãs de histórias de ficção científica no formato de revistas.

No Brasil, a primeira edição foi intitulada “Cincia-Fico Alex Raymond”, produzida em São Paulo e conduzida por Edson Rontani. Sendo porta voz de grupos menos representados e distante dos veículos de massa, o que supostamente teria sido o motivo por ficar conhecida por uma comunicação descentralizada e marginalizada. Não demorou muito para que o fanzine expandisse sua funcionalidade para novas finalidades, caracterizando novos gêneros e gamas da comunicação.

Produzidos de forma amadora e sem fins lucrativos. Se encontra nas especificidades comunicacional, tendo como força a troca de informações, disseminação de discussões e conversão de opinião, estimulando o olhar crítico sobre assuntos cotidianos. Um veículo porta voz do cenário alternativo, que traz no corpo além de textos, ilustrações, fotografias, dentre outros, marcando um momento cultural e uma contribuição de forma nem tanto acessível, devido a seus predicados e localidades de divulgação.

⁷ Veículos alternativos que buscam esclarecer de forma investigativa situações implícitas na sociedade.

Este espaço foi importante para grupos, como a marcha feminista em busca de direitos básicos ofertados nos anos 90, adotando estratégias cognitivas em um traço similar a suas antecessoras. Com uma forte representatividade de mulheres que não tinham voz na mídia tradicional, atraindo olhares, sem um recorte social. Dentre as mulheres representadas, estão as fora do padrão estereotipado pela mídia, como as fora do peso idealizado, negras, lésbicas, deficientes físicas e artistas de cunho literário, e artistas que começam a marcar seu lugar de fala, em circuitos underground. Para Camargo (2010, p. 25): “[...] espaços de expressão para mulheres jovens num momento em que o feminismo, tanto em suas expressões mais teóricas quanto ativistas, ainda não abordavam questões ligadas às mulheres jovens [...]”.

Em paralelo a isso vemos o advento dos novos meios de comunicação, a popularização de computadores, parte essencial para a formação de uma sociedade conectada à rede. O ritmo acelerado da cibercultura foi a principal responsável pela tendência. A ampliação da internet 2.0, permitindo o acesso a informação célere e ampliando a globalização do *World Wide Web*, e logo mais tarde a chegada do sistema 3.0 (KOTLER, 2010), onde o usuário além de receptor de notícias, também tem acesso à produção de conteúdo e compartilhamento informacional.

Ao analisarmos o ciberfeminismo, é importante compreendermos a essência que se utiliza da fala democrática de um determinado grupo, onde utiliza como foco um determinado assunto, crença, ou a disseminação de ideias voltadas para a comunicação popular.

Manuel Castells (2001) desenvolveu o discurso sobre a “Sociedade em Rede”, onde afirmou que a medição de grupos poderia fazer com que o monopólio estabelecido fosse desintegrado dos mecanismos de controle social, criando no ciberespaço um ambiente propício aos novos meios do ciberativismo, e por sua vez o ciberfeminismo em todas suas ramificações.

O Ciberfeminismo vem ser a representação da classificação dessa divisão ideológica. Potencializando sua fala através das ferramentas disponíveis em rede, segundo Ana de Miguel (2013, p. 72), o Ciberfeminismo surge devido à necessidade de inclusão das mulheres no espaço tecnológico, no intuito de encontrar um espaço menos quadrado que seja capaz de fornecer conteúdo representativo.

O ciberfeminismo social aparece como prioritária a educação tecnológica das mulheres e, de fato, os números sobre a utilização

da internet por parte das mulheres vai crescentemente modificando o equilíbrio da balança com respeito à presença masculina no ciberespaço. Mas além de estar na web, queremos conteúdos na web que nos interessem.

Esse espaço virtual foi aberto para atender grupos que não possuem acesso às mídias massivas, buscando uma real tentativa de democratização na rede. Para Miguel (2013, p. 74), essa é uma oportunidade de [...] unir a força das mulheres como única possibilidade de alcançar “o empoderamento” necessário para mudar as estruturas profundas do patriarcado e conseguir assim um mundo mais justo e igualitário. É o objetivo do ciberfeminismo social”.

A atuação de grupos que se fortalece através de aparatos, possibilitados pelas redes sociais, blogs e portais, convergindo para outros meios tão essenciais para divulgar a migração de conteúdos conceituados como alternativos. Miguel (2013, p. 75), explica que esse perfil,

[...] se esboça cada vez mais como uma interessante alternativa. Nós mulheres temos conseguido construir nosso próprio território na rede. Não se trata de um território exclusivo, mas demonstramos ser capazes de estabelecer nossas próprias regras neste novo meio.

Sendo um caminho abrangente para a abertura de discussões nos coletivos, como este que analisaremos.

Metodologia

O Coletivo Luz de Dandara teve sua primeira edição do fanzine distribuída no dia 24 de setembro de 2016, no evento intitulado Babado Coletivo, que integra o circuito *underground* de Fortaleza/CE. Foram 200 cópias entregues às mulheres que estavam participando do evento. Produzido com 8 páginas, divididas em: capa, carta ao leitor, conteúdo informacional, página de utilidade pública e ficha técnica.

Sendo utilizado o método de forma conotativa e qualitativa, onde “[...] reúne o maior número de informações detalhadas, valendo-se de diferentes técnicas de pesquisa, visando aprender uma determinada situação e descrever a maior complexidade de um fato”. Na busca pela interpretação de fragmentos contidos no material, foi utilizado a apuração de informações através da análise de conteúdo (BARDIN, 1970), e a classificação de temas com maior destaque no fanzine.

A partir disso, o presente artigo foi dividido em três módulos, no intuito de facilitar o conjunto de questões inseridas no conteúdo do fanzine, funcionando por desmembramento do texto em unidades. Sendo este destrinchado nas categorias: educação; empatia e utilidade pública, pontos com maior destaque, e prioridade no conteúdo divulgado no fanzine.

Luz de Dandara

O coletivo feminista Luz de Dandara⁸, formado em Fortaleza/CE, surgiu através da inquietação cibernética de mulheres, após o chocante caso da jovem de 16 anos, vítima de estupro coletivo na região Oeste do Rio de Janeiro, em maio de 2016, onde uma jovem teve um vídeo divulgado e compartilhado nas redes sociais, mostrando total descaso, banalização e culpabilização da vítima por parte da sociedade.

Dessa forma, a jornalista Clara Dourado⁹ mobilizou mulheres através do seu perfil pessoal no Facebook, para sair do espaço virtual e discutir diversos temas voltados para a compreensão feminista, tais como: políticas públicas voltadas para o feminismo interseccional¹⁰.

As reuniões são pautadas uma vez por semana, realizadas no Elephant Coworking¹¹. E, despertando o interesse do grupo em buscar opções para disseminar as informações que eram compartilhadas apenas em uma roda de conversa, pensando nisso, o coletivo considerou válido buscar apoio de organizações que compartilhassem dos valores mantidos pelo grupo, dando início a palestras, eventos, dinâmicas e socializações, em escolas, universidades, espaços abertos e até em programas de televisão.

Foi através da perspectiva do coletivo em instruir mais mulheres por meio do debate e busca pela conscientização que nasceu o fanzine, na tentativa de levar a informação a mulheres de diferentes realidades sociais, culturais e econômicas. Toma-se como ponto de partida inicial analisar três módulos identificados como pontos de maior abordagem dentro do fanzine, que são: educação, empatia e informação. Estes três estão

⁸ O nome do grupo faz alusão a Dandara dos Palmares, ícone da luta contra o racismo por sua resistência contra a escravidão. Fanzine disponível em: <https://drive.google.com/fiel/d/0BzQr_a-tj_JxYU44Z0toVGJOSVE/view?usp=drivesdk>

⁹ Jornalista e ativista. Idealizadora do Coletivo Luz de Dandara, com destaque para militância por equidade de gênero e raça.

¹⁰ Diz respeito a intersecção sob diversos aspectos, sejam estes de gênero, raça ou classe social.

¹¹ Escritório corporativo compartilhado. Situado na rua Barbosa de Freitas, bairro Aldeota – Fortaleza/CE.

contidos através da descrição no do corpo textual, de ilustrações e fotos que percorrem as páginas.

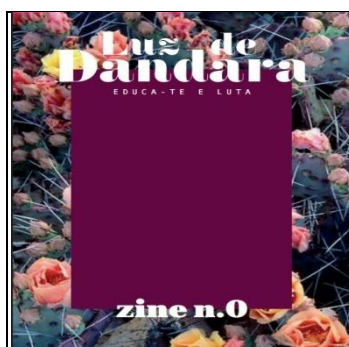
Educação

O primeiro ponto é a forma didática como é desenvolvido o conteúdo. Proporcionando a leitora a compreensão e aceitação, criando assim uma situação confortável para que esta mulher após consumir o que é falado, seja capaz de compreender os valores citados pelo coletivo, para que em seguida queira buscar novas possibilidades através de outras plataformas, seja online ou impressa, distanciando-se do que está sendo pautado pela mídia de massa.

Há um estímulo para que a leitora queira passar de alguém que se informa por curiosidade para alguém que se transforma em embaixadora da temática dentro da participação social. Na tentativa de desconstruir um cenário configurado há bastante tempo, com estereótipos sociais inculcados, no intuito de aproximá-la do real.

Com efeito, é possível percebermos no formato da capa, a seguir, que tem uma variedade de cores, na tentativa de aproximar todas as mulheres. Não segregando um tom, como o rosa direcionado para meninas e o azul para meninos. A paleta diversificada é acompanhada de flores com espinhos, nos levando a crer que a perfeição é algo inexistente. Entretanto, o que chama a atenção é o subtítulo “Educa-te e Luta”, propondo desde o início motivar uma reconstrução social, baseada na busca pela educação humanizada.

Figura 1 – Capa de Luz de Dandara

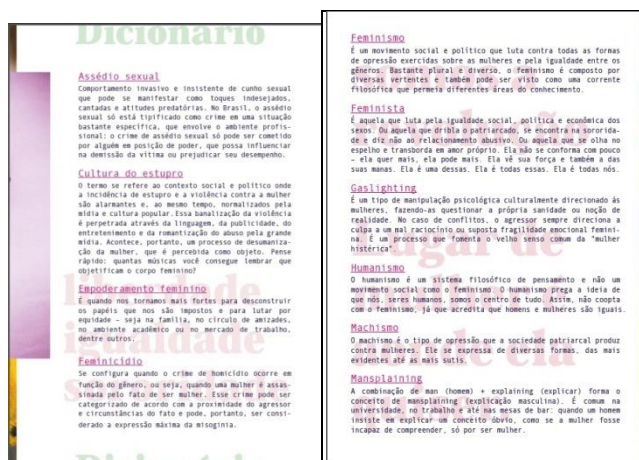


Fonte: Própria autora.

Logo, após a apresentação da identidade proposta pelo grupo, encontramos a descrição do que é discutido na edição. A apresentação de expressões que estão atuantes

na sociedade e que nem sempre as mulheres conseguem associar ao significado. Foram selecionadas para edição 17 palavras que migram entre português, como as palavras “assédio sexual”, “feminismo”, “cultura de estupro” e palavras inglesas como “manterrupting” e “mansplaining”. Sem utilizar termos técnicos, ou expressões de difícil compreensão. É importante destacarmos que mesmo com as palavras em inglês no corpo do texto, há a tradução, fazendo com que a palavra não se distancie da importância significativa.

Figura 2 – Palavras dicionarizadas



Fonte: Própria autora.

Empatia

A segunda categoria visa uma tentativa de aproximação com a leitora, através de uma informação dinâmica, corações ao final dos parágrafos e se utilizando de expressões como “mana”, mostrando que essa comunicação tem voz plural.

A imagem a seguir faz parte desse grupo, onde a frase “Oi, mulher!”, ao lado da foto de uma tesoura e seios à mostra e um corpo determinado pela sociedade fora do padrão estético, induz a quebra de estereótipos e enfatiza a marca da não existência de um recorte do padrão corporal. A tesoura que aparentemente está enferrujada remete ao seu tempo de existência, onde se aproxima da auréola da mama, induzindo ao corte da mulher com um papel restrito, na busca pela quebra de conceitos impostos.

Figura 3 – Oi, mulher!



Fonte: Própria autora.

É possível encontrar nas imagens em diferentes pontos que remetem a busca da autoestima feminina, com mensagens que conectam a força e sororidade¹² entre as mulheres e além destas encontramos emojis¹³, fazendo uma conexão direta com a cibercultura, ou seja, a linguagem está diretamente ligada a outras mídias.

No editorial encontram-se duas imagens com uma proximidade estética, na primeira imagem vemos um cabide no formato de manequim sem vestimenta, com palavras escritas na parte do busto e seios. Dentre elas estão “Objeto de desejo”, “vulgar” e “é pra comer”. Abaixo encontra-se uma frase da autora Chimamanda Ngozi, onde fala sobre a mudança de âmbitos culturais, dentre eles a objetificação do corpo feminino e a exposição negativa, remetendo a empatia e busca por equilíbrio social.

Figura 4 – Cabide sem vestimenta



Figura 5 – Pathos



Fonte: Própria autora.

¹² Empatia entre mulheres, baseada na união e luta pelos mesmos objetivos.

¹³ Palavra de origem japonesa que transmite uma ideia de uma palavra ou frase completa.

A segunda imagem por sua vez se aproxima do *pathos*, atentando para busca sentimental, duas mãos femininas com aliança e três cruzeiros em cada, lembra a busca pelo fim do assassinato de mulheres, seja este causado por parceiros ou pela homofobia. Após as cruzeiros, é possível ver a palavra amor de forma destacada, onde pode-se acreditar que esta é a justificativa para iniciar um novo caminho.

Informação

Na última página do conteúdo desenvolvido pelo coletivo Luz de Dandara, encontram-se telefones de utilidade pública e de apoio a mulher, sujeita a todo e qualquer tipo de violência, seja ela física ou psicológica. Dentre os contatos, estão o da Delegacia para mulheres e o Conselho Cearense dos Direitos da Mulher, todos com número de telefone e endereço físico. Fortalecendo o discurso de que a mulher também tem seu espaço de luta, basta está estar instruída.

Figura 6 – Telefones e endereços



Fonte: Própria autora.

Além do fanzine, estão sites e links de outros veículos, liberando espaço e voz ativa dentro das redes sociais, onde se utiliza de forma positiva, disseminando a ideia de equidade de gênero, com força no feminismo. Não se encontra o discurso de ódio ou de preconceito com o gênero oposto, atraindo olhares para a temática.

Considerações finais

Embora tenhamos duas mídias voltadas para as mulheres, as mesmas abrangem de forma diferente seu público-alvo, não abstando-se do seu valor na construção histórica. Hoje com o advento da convergência das mídias e a forma como

agem em consonância umas com as outras, impulsionando de forma positiva as mídias alternativas.

A imprensa feminina caminha ao lado da feminista, exportando pensamentos e críticas próximos do ideal, uma vez que mesmo que de forma menos acentuada na primeira, tem em seu discurso empoderamento feminino. O papel do fanzine é de aproximar a leitora de um momento possível, de forma ética e clara, atentando-as ao debate dentro e fora de casa. Levando as mulheres a acreditarem que existe termos e expressões existentes há bastante tempo na sociedade, e que só tende a crescer dentro de uma cultura de participação latente

Referências

BUITONI, DULCÍLIA HELENA SCHROEDER. **Mulher de Papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

BEAUVOIR, SIMONE DE. **O Segundo Sexo**. 7.ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fr.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.onteira, 1990.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. v.1. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CAMARGO, Michelle de Alcântara. **Lugares, pessoas e palavras**: O estilo das minas do rock na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas, 2010. Disponível em:

<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/279036/1/Camargo,%20Michelle%20Alcantara_M.pdf> Acesso em: 15 abr. 2017.

DUARTE, CONSTÂNCIA. **Imprensa Feminina e Feminista no Brasil**: Século XIX: Dicionário Ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

KOTLER, Philip. **Marketing 3.0**: As forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010 – 4ª impressão.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MUZART, ZAHIDÉ. **Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX**. Santa Catarina, 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/wnszgf>> Acesso em: 03 mar. 2017.

MIGUEL, ANA DE. **Internet em código feminino**: teorias e práticas. Buenos Aires: La Crujía Ediciones, 2013. Disponível em: <<http://gigaufba.net/internet-em-codigo-feminino/>> Acesso em: 11 abr. 2017.

PINSKY, CARLA BASSANEZI e PEDRO, JOANA MARIA. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.